

“Dívidas ainda ameaçam bancos norte americanos”

O pacote financeiro de US\$ 82 bilhões assinado ontem pelo Brasil “não é mais do que uma arrumação de cadeiras no convés do *Titanic*”, advertiu ontem, em Pittsburgh, um analista, para quem as dívidas externas ainda ameaçam os bancos norte-americanos.

“Trata-se de uma decisão essencialmente política”, disse o analista Gregory Drahuschkak, da Butcher Singer, de Pittsburgh.

“Eles não podem cancelar os empréstimos e não podem forçar o Brasil a liquidar sua dívida. Seria um desastre completo se todos cancelassem os empréstimos brasileiros e outros empréstimos internacionais de natureza similar. Minha reação geral a isso é que as coisas que estão fazendo no momento nada mais são do que uma arrumação de cadeiras no convés do *Titanic*.”

O Brasil — o maior devedor do mundo entre os países em desenvolvimento —, ao assinar o pacote de reestruturação da dívida, concordou em pôr um fim à moratória nos pagamentos de juros que estava em vigor desde fevereiro de 1987.

Pelo acordo, o Brasil receberá US\$ 5,2 bilhões de seus credores, entre eles o Citibank, de Nova York, e o Mellom Bank, de Pittsburgh, a 12ª maior companhia “holding” bancária do País. Os credores concordaram também em prorrogar os prazos de vencimento da dívida e reduzir as taxas de juros, disse o analista Fred Wightman, da Duff Phelp Inc. de Chicago.

Segundo Wightman, “o impacto mais visível do pacote será sentido dentro de um mês ou dois, quando o Brasil estiver saindo da posição não rentável”.